

# QUEREMOS FAZER DO POVO DIRIGENTE REAL DO NOSSO ESTADO DEMOCRÁTICO POPULAR

— PRESIDENTE SAMORA MACHEL AO DESENCADear A CAMPANHA  
NACIONAL DE ESTRUTURAÇÃO DO PARTIDO

*Durante o passado dia 3 de Fevereiro, nos bairros ou nos locais de trabalho realizaram-se reuniões políticas em todo o País. Nesses numerosos encontros populares o nosso Povo prestou uma profunda homenagem aos Heróis Moçambicanos, discutindo como consolidar as conquistas que a eles muito devemos e como fazer avançar a Revolução. Uma dessas reuniões foi orientada pelo Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Machel. No Bairro do Houlene, em Maputo, perante milhares de pessoas, e de acordo com as decisões da III Sessão do Comité Central da FRELIMO, o dirigente máximo da Revolução moçambicana desencadeou a Campanha Nacional de Estruturação do Partido.*

*Desde esse dia realizaram-se já inúmeras sessões de estudo e de preparação para esta importante batalha. Na reunião do dia 3 de Fevereiro no Houlene, no seu improviso, o Presidente da FRELIMO sintetizou os objectivos concretos da Campanha de Estruturação do Partido afirmando que «queremos tornar o nosso Povo dono do seu destino, queremos fazer do Povo dirigente real do nosso Estado Democrático Popular». É procurando materializar esta ideia central que, a todos os níveis, quadros do Partido têm discutido os métodos de trabalho e formas organizativas para fazer participar todo o Povo na Campanha. Aproveitando a oportunidade de estar presentemente a decorrer um Seminário Nacional de Estruturação do Partido, cuja sessão de abertura foi orientada pelo Presidente Samora Machel, publicamos, seguidamente, na íntegra, o improviso do dirigente máximo da Nação, que desencadeou esta importante batalha.*

Viva a República Popular de Moçambique! Viva a FRELIMO, guia incontestável do Povo moçambicano! Viva o Povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo! Viva o Povo moçambicano organizado e dirigido pela FRELIMO! Viva a população da Província do Maputo! Viva a população onde? Houlene ... Viva a população do Houlene! Viva a população do Houlene! Viva o 3 de Fevereiro, Dia dos Heróis Moçambicanos! Viva a justa luta do Povo de Zimbabwe! Viva a Revolução mundial! Abaixo o colonialismo! Abaixo o imperialismo! Abaixo o capitalismo! Abaixo a exploração do homem pelo homem! Abaixo a especulação! Abaixo o açambarcamento! Abaixo a desorganização! Abaixo a infiltração dos agentes da Pide! Abaixo a reacção! Abaixo a preguiça! Abaixo o roubo! Viva a organização! Abaixo o barulho! Viva a população do Houlene! Viva a população organizada de Houlene! Viva a FRELIMO! Viva a FRELIMO que une e organiza o povo! Quem está a fazer barulho? São os Xicos? Xiconhocas? Quero ouvir os de Houlene a cantar, se forem xiconhocas havemos de vê-los por não saberem cantar. Khanimambo hi kensile, Wena FRELIMO. Viva a FRELIMO! Viva a população de Houlene! Viva a população organizada e consciente de Houlene! Sabem o que quer dizer isso? População organizada e consciente. Havia muito barulho e de repente organizaram-se, havia barulho, havia distúrbios, havia desordem, havia discussão sem organização nenhuma. De repente toda a gente do Houlene organizou-se e cantou: Lepswi uhi Kombiki a NdMela Ya Nkufuleko Kunene. Estão a ver como cantam? Já é agradável porque estão organizados, já não é barulho, é cantar. Não é agradável aos ouvidos? Não se entende? Estão a compreender todos o que é que estamos a cantar? Quando vocês cantam é como se estivessem num bar, parece que estão num lugar onde se destila bebida. Khanimambo We FRELIMO, Khanimambo Hitsakile Wene FRELIMO. Cantem ...

Khanimambo, Khanimambo. Agora, Khanimambo, Khanimambo FRELIMO. Khanimambo porque? Porque é que dizem Khanimambo Wene FRELIMO Uhi Kombique a Ndela Ya Nkfululeko? Quem é que vos libertou? Escravatura de quem? Colonialismo de quem? Para onde foi agora? Quem o empurrou? Quem venceu o colonialista? FRELIMO quem é? O povo. O povo quem é? Khanimambo Hi Kensile Wene FRELIMO. Quando dizemos Khanimambo referimo-nos a vocês. Referimo-nos ao povo. Vocês só dizem, FRELIMO, FRELIMO. Está aqui a FRELIMO. A FRELIMO está aqui. A força da FRELIMO está aqui. É por isso que dizemos Khanimambo Hi Kensile Wena FRELIMO. Khanimambo FRELIMO significa Khanimambo àqueles que ofereceram as suas vidas. Khanimambo FRELIMO significa obrigado àqueles que aceitaram torturas nas prisões. Khanimambo FRELIMO significa obrigado àqueles que resistiram às garras colonialistas. Khanimambo FRELIMO significa obrigado àqueles que foram presos, degolados e lançados aos mares. Khanimambo FRELIMO significa obrigado àqueles que travaram o processo de deportação de moçambicanos para S. Tomé, para todos os Continentes. Nós dizemos Khanimambo FRELIMO, a FRELIMO que conduziu a guerra contra os colonialistas. Primeiro ponto essencial, a FRELIMO uniu o Povo moçambicano do Rovuma ao Maputo, e ao unir o Povo moçambicano, destruiu o tribalismo, destruiu o regionalismo, destruiu o

racismo, destruiu a discriminação racial, destruiu a humilhação, destruiu a escravatura. Quando nós dizemos Khanimambo FRELIMO, referimo-nos em primeiro lugar à unidade que criou, do Rovuma ao Maputo. Antigamente existiam os Psingwerengwé, não é? Os que vinham do Norte, nós dizíamos que eram Pswingwerengwé. Os Psingondo. Ainda existem? Quem ensinava isso? Entre vocês aqui havia os de Gaza, havia os de Inhambane, havia os do Maputo. Vocês viviam em clãs aqui no Maputo. Quem acabou com isso, quem liquidou a Pide, quem liquidou a Polícia, quem liquidou o exército colonial?

É aqui onde vamos começar a nossa conversa hoje. Hoje, 3 de Fevereiro, Dia dos Heróis Moçambicanos. Os Heróis foram aqueles que morreram lutando pela causa justa, lutando para que Moçambique ficasse independente. São aqueles que morreram para que nós fossemos o que somos hoje. Os Heróis são aqueles que foram assassinados nas prisões de Machava, nas prisões da Pide. Os Heróis são aqueles que resistiram nas prisões, não se venderam nas prisões. Aqueles que recusaram colaborar com o inimigo, aqueles que recusaram ser agentes da Pide. Aqueles que recusaram ser informadores, informadores da existência da rede da FRELIMO. Recusaram denunciar a FRELIMO, implantada em todo o Povo moçambicano. Os Heróis são aqueles que trabalharam na clandestinidade em condições difíceis e desumanas. Vocês sabem o que é ser clandestino? Eles preferiam morrer, mas fazer viver a FRELIMO. Trabalhavam secretamente. Alguns desses estão vivos. Não morreram. Hoje é dia também deles. Daqueles que não vacilaram, não capitularam perante o inimigo. Não se deixaram comprar. Daqueles que se apresentaram sempre firmes diante do inimigo, porque se tratava da Independência Nacional. Daqueles que não se corromperam, que se recusaram a qualquer compromisso com o inimigo. Sabem o que é compromisso com o inimigo? Conquistar não é só conquistar uma moça. Há muitos que eram conquistados pela Pide. Quando se conquista uma moça diz-se: «Vou-te dar flores». Não é isso que dizem os rapazes? Prometem, prometem, os homens prometem às mulheres. Prometem, «eu vou dar-te o novo mundo», «eu vou dar-te a nova vida». Até a moça aceitar e casarem. Não é assim? Serem anelados. Serem anelados é no último dia, não é? Aceitou. Agora estes que eram conquistados pela Pide, o que é que a Pide lhes dava? Ao aceitarem casar com a Pide, o que é que lhes é oferecido? Estão a ver o que é ser conquistado.

Não sei se estou a falar bem o Changana, com Ronga misturado, mas estou certo de que vocês compreendem. Só os da Imprensa hão-de ter dificuldades em traduzir o que estou a dizer. Porque esta língua também era proibida nesse tempo, não é verdade? Significa que libertámos também esta língua. Esta língua era proibida num meeting como este, numa reunião, num comício. Língua de boçais, selvagem, de animais — diziam os colonialistas. Mas agora ouvem-na, não ouvem?

O que é que eles queriam, ao ser conquistados pela Pide? Quando nós conquistamos uma moça dizemos que havemos de lhe oferecer flores. «Hei-de dar-te uma flor» — os da Igreja sabiam! Os da Igreja quando diziam: «Wa letia Hinga Vula Hile Nkuwé

Querequene, Miela Wananga Va Tsiki Va Rila — Deixa-os chorar a todos, hei-de dar-te flores». Até ela aceitar. Agora estes que aceitavam, o que é que a Pide lhes dava? Digam-me. Estes, quando namoravam com a Pide, eram namorados pela Pide, pretendidos pela Pide, era para quê? Muitas das vezes o Pide, porque é primo, vocês não denunciavam. «É meu primo». Ele tinha sido conquistado, estava com aqueles de quem ele gostava. Estes da Pide. Já não está contigo, já não é teu primo, a partir daquele dia em que foi conquistado até aceitar, ser anelado e ser registado que é da Pide. Já não é vosso esse! Estão a compreender? A partir do dia em que ele aceita fazer o casamento com a Pide, a partir do momento que aceita fazer trabalho, colaborar com a Pide, já passou para o outro lado, já não é nosso primo esse, esse não é nosso marido, esse não é nossa mulher, esse não é nosso irmão, esse não é nosso amigo — é nosso inimigo em todo o momento! Ouviram? Foi conquistado pela Pide, aceitou. Casaram-se, tem o anel. Como é que vai tirar o anel? Quando vocês se anelam o que é que dizem? Quem há-de tirar o anel? Só a morte, só. Não é? E agora este da Pide que ainda não morreu, ainda está vivo. O que dizem destes todos? Casaram-se, têm anéis, quem há-de tirar os seus anéis? Ou vão pedir à Pide para lhos tirar? Oçam: nós queremos construir o Partido, queremos ter membros. Mas como é que isso é possível se metermos os Pides, os que casaram com a Pide? Diremos para deixar a Pide e casar connosco, ou casar com duas pessoas? Trabalhar para a Pide e trabalhar para nós? É possível? Khanimambo Hi Khensile Wena FRELIMO. Tínhamos os da Pide que estavam comprometidos. Eles fechavam-nos o caminho da liberdade. Quando aceitavam trabalhar com a Pide, é porque recusavam a independência, recusavam a liberdade. Khanimambo Hi Khensile Wena FRELIMO. Os nossos irmãos morreram aqui na Machava, no Jamanguana. Não morreram? Quando alguém aceitava ser da Pide, estava a aceitar apertar-nos o pescoço. A Pide dizia-lhe: «estrangula aquele», ele estrangulava. «Aquele outro», ele estrangulava. Não é assim? É porque está casado com a Pide.

Quando nós dizemos: aqueles que não se venderam, aqueles que não vacilaram, aqueles que não capitularam perante o inimigo são os nossos Heróis, é preciso compreender isto. Recusaram colaborar com a Pide. Quando nós dizemos os nossos heróis, não são somente aqueles que morreram. Estão aqui entre nós heróis, aqueles que não se venderam, aqueles que não vacilaram, aqueles que não se corromperam, aqueles que recusaram colaborar com a Pide. Aqueles que não tiveram compromisso com a Pide, são os nossos Heróis vivos. Para ser Herói não é preciso morrer. É a vida que cada um de nós leva. A VIDA EXEMPLAR, que cada um de nós leva, quer dizer, ser íntegro, ser íntegro em momentos difíceis e nos momentos fáceis, nas alegrias e nas dificuldades, ser íntegro sempre. Não sei se me faço de entender — ser íntegro nos momentos difíceis, ser íntegro nas alegrias, nas felicidades, ser íntegro quando há problemas difíceis que parecem insolúveis, ser íntegro na vida e na luta, em resumo: VIDA EXEMPLAR. A estes chamamos elementos consequentes, elementos íntegros da nossa Sociedade.

Aquele que entregou a sua vida pela libertação do

Pais, aquele que em casos graves, embora lhe cortassem os dedos, lhe cortassem as orelhas, insistia, resistia, dizendo: MATAI-ME, EU SOU DA FRELIMO. Ser íntegro.

Podiam apresentar palmatória, podem apresentar máquinas eléctricas para torturar, queimar as pestanas, fazer do nariz cinzeiro para apagar cigarros, queimar os lábios, queimar o nariz com cigarros, cavalo-marinho e palmatória ao lado, para denunciar a rede da FRELIMO. O homem íntegro recusa — são os nossos heróis esses. Portanto falamos do 3 de Fevereiro como dia dos heróis, aqueles que tinham armas e combatiam o inimigo directamente, eram feridos pelo inimigo, uma vez feridos e capturados o inimigo introduzia paus nas feridas, para eles denunciarem a população que ajudava no transporte do material, que ajudava no transporte de medicamentos, que ajudava no reconhecimento dos acampamentos do inimigo, que ajudava a esconder os guerrilheiros. Quando capturava esses homens, a Pide, o Exército Colonial introduzia ferros e paus nas feridas, para eles denunciarem elementos da população. A população que escondia material, a população que fornecia comida às bases, a população que protegia os infantários, a população que dava comida aos nossos hospitais, dava comida aos nossos feridos de guerra. Quando capturavam um ferido nosso, eles introduziam paus, introduziam ferros para que denunciasse a população. Uma vez denunciada a população numa região que apoiava a guerrilha, ela era em seguida massacrada, destruindo-se a FRELIMO. Mas os nossos heróis recusavam — «eu não conheço a população que apoia a FRELIMO, só sei que sou guerrilheiro da FRELIMO». «População que dá comida não conheço, a minha tarefa é combater». — Assassínavam-no, cortavam-lhe o pescoço — morreu como elemento da FRELIMO. Compreendem, meus irmãos? Escolhemos esta data, porque é a data que representa e simboliza todos os Heróis moçambicanos, e porque é o dia em que o nosso companheiro de armas, o nosso querido fundador da FRELIMO, o primeiro Presidente da FRELIMO, foi assassinado pela Pide, numa data como hoje, porque alguns se venderam no seio da FRELIMO, tinham compromissos com a Pide. A bomba que matou Mondlane foi transportada por gente da FRELIMO. Em breve nós anunciaremos a lista completa dos homens que colaboraram com a Pide até matar MONDLANE. Conheçemo-los. Desde o momento em que aceitam a Pide, deixam de ser nossos, tal como a mulher que se entrega a um homem dizendo: «Eu amo-te, o meu coração é teu e o teu coração é meu, construiremos ambos o lar». Eles também fizeram isso — «construiremos juntos o nosso lar». — Estes elementos que colaboraram com a Pide, fizeram esse tipo de compromisso. Alguns fugiam durante a guerra, juntavam-se ao exército colonial, para em seguida conduzirem o mesmo exército colonial para as nossas bases, para as nossas escolas, para os nossos hospitais, para os nossos infantários. É por isso que nós dizemos: o homem íntegro é aquele que nos momentos difíceis conduz o povo para a vitória, conduz o povo para o combate, fala da necessidade de organização, fala da nossa força, fala da nossa esperança, fala da nossa certeza de Vitória.

Vocês entendem? Quando nós dizemos Obrigado FRELIMO? Obrigado é fraco: Khenimambo FRELIMO!

Esta nossa luta foi dura — luta armada directamente com o inimigo, luta política, luta clandestina, luta nas prisões, nas prisões do nosso inimigo. Esse é o primeiro ponto — DIA DOS HERÓIS

Foi precisamente em 3 de Fevereiro de 1976 que nacionalizámos os prédios de rendimento. Muitos ainda não foram para essas casas, não chegam, são poucas, mas foram para lá alguns dos vossos familiares. Quando vos vêem dizem: «não posso te receber na minha casa senão vais deixar lá percevejos e piolhos». Não é isso? Essas pessoas não sabem que foram para o prédio, devido ao trabalho do povo. Quem os levou para o prédio foram vocês. Foi a vitória do povo, foram os nossos Heróis. Agora começam a desprezar de novo, dizem que há gente lá dos subúrbios que tem piolhos, pulgas e percevejos.

Em 3 de Fevereiro criámos o Banco de Solidariedade, do Rovuma ao Maputo, que contribui para o apoio da luta dos outros povos que continuam oprimidos, para o apoio da luta justa do Zimbábue. No plano nacional já mandámos dinheiro para a reconstrução de Mapai, já mandámos entregar dinheiro ao nível do Maputo por causa de incêndios, entregámos dinheiro por causa do acidente de Moatize, mandámos dinheiro para a Província de Gaza por causa das cheias, mandámos dinheiro para Sofala por causa das cheias, temos mandado dinheiro para as zonas fronteiriças com o regime minoritário, racista e ilegal de Ian Smith. Enviámos dinheiro para as zonas libertadas, dinheiro para as secas de Cabo Delgado.

E assim, o nosso povo está identificado integralmente do Rovuma ao Maputo nas suas aspirações, nos seus interesses, na realização dos seus objectivos. Portanto o Banco de Solidariedade é o canal através do qual enviamos a nossa Solidariedade para todo o Mundo, para a FRELIN em Timor-Leste, para o Sara no Norte de África, para a Namíbia, para a África do Sul, para o Zimbábue, e outros continentes.

Em 3 de Fevereiro de 1976, mudámos o nome da nossa capital — deixou de ser Lourenço Marques. Mudámos o nome, o Povo de Moçambique deu o nome à Capital, antiga Lourenço Marques, hoje cidade de Maputo, e temos orgulho de dizer «a nossa capital, Maputo». Em 1976 ainda, liquidámos a discriminação, liquidámos a face colonialista que reinava ao nível da capital da Província do Maputo, liquidámos a discriminação racial em todas as capitais das províncias de Moçambique. Em 3 de Fevereiro de 1977 realizámos o III CONGRESSO da FRELIMO, e hoje, 3 de Fevereiro de 1978 — Estruturação do Partido. O que é que nós queremos com a estruturação do Partido? Nós queremos organizar a nossa vida. Já vencemos, é verdade. Já vencemos o colonialismo, já destruímos as correntes que nos amarravam. Rebutámos as correntes, somos homens livres, mas homens livres para organizar a vida, para organizar a vida de todos. Significa organizar o nosso povo, e organizar o nosso povo significa valorizar o dia 3, Dia dos Heróis. Estruturar o Partido, valorizar as experiências seculares do nosso povo, experiências de resistência contra a dominação colonial. Experiência de luta contra o nosso opressor, contra o colonialismo português ao nível da Nação. Ao nível de cada província, ao nível de cada distrito, ao nível de cada localidade, ao nível de cada bairro comunal, ao nível das aldeias comunais, ao nível do aglomerado populacional, ao nível da fábrica, ao nível da Empresa Esta-

tal, Empresa Agrícola Estatal, ao nível da Cooperativa de Consumo, ao nível de cada loja, ao nível de cada cantina, ao nível de cada família, ao nível de cada lar, é isto que nós queremos quando dizemos: Estruturação do Partido. Quando nós fazemos isso, queremos tornar o nosso povo dono do seu destino, queremos fazer do povo, dirigente real do nosso Estado Democrático Popular. Quando nós falamos da Estruturação do Partido significa que o queremos instalar na repartição do Estado, o Partido ao nível de cada Gabinete, o Partido ao nível de cada Escola, Escola Pré, Creche, a partir da Creche, Escola Primária, Escola Secundária, Universidade. Queremos organizar ao nível do posto sanitário, estar lá o Partido em cada maternidade, estar lá o Partido implantado, ao nível do Hospital, estar lá o Partido a nível do Exército, o Partido no Batalhão, na Companhia, no Pelotão, na Secção.

Queremos nos transportes organização, na produção organização. Tudo estruturado, tudo organizado, tudo planificado, tudo programado, tudo com metas fixas, objectivos claros. Quando falamos do Partido, estruturação do Partido, queremos conhecer o número de habitantes da Província do Maputo, queremos conhecer os habitantes de cada Distrito da Província do Maputo. Quando digo Maputo, é um exemplo, significa em todas as Províncias. Planificar os meios de transporte para nos permitir planificar o alojamento, a construção das casas, para podermos saber quantas capulanas, quantos metros de capulanas são necessários para vestir a população do Maputo. Quantas camisas devem ser produzidas, quantos fatos devem ser produzidos, que quantidades de roupa para as crianças de diversas idades. Quando falamos da estruturação do Partido, queremos conhecer as necessidades imediatas, a curto, a médio e a longo prazo, queremos saber quantos somos em Moçambique. Quando nós soubermos quantos somos, saberemos quantas toneladas de arroz são necessárias para o povo inteiro, saberemos quantas toneladas de arroz são necessárias para a população do Maputo, para cada Distrito do Maputo, para cada bairro, bairro comunal, para os membros de cada cooperativa de consumo. Quando falamos de estruturação do Partido queremos saber quantos lenços, quantas pessoas no nosso país, quantas mulheres usam lenços na cabeça, quantas mulheres usam capulanas. (VEMBA, NKUMI). Quantas saias são necessárias, quantos vestidos são necessários, quantas blusas são necessárias, quantas toneladas de óleo de cozinha são necessárias. A quantidade de sabão-mainato para lavar a roupa, quantidade de pacotes de Omo, quantidade de sabão para adultos e para crianças. Quantidade de sapatilhas para os alunos, para todos se calçarem quando vão para a escola. Quantos pares de sapatos são necessários para toda a população do Maputo, para toda a população de Moçambique.

É isto que nós queremos quando dizemos estruturar o Partido. Quantas pessoas usam aquele candeeiro que nós chamamos XIPHEFO para podermos planificar o petróleo. Quantas toneladas de açúcar. Quantas toneladas de chá. Quantos quilos de café. Quantas garrafas de Laranja, de Limonada, de Fanta, de Coca-cola. Quantas garrafas de cerveja consumem as pessoas no nosso país. Quantos litros de vinho nós importamos. Temos ideia correcta de quantas galinhas são necessárias para alimentar a população do Maputo. Quantos litros de leite. A quantidade

de ovos. Quantos pacotes de manteiga, quantas toneladas de peixe, de carne — carne de boi, de porco, de coelho, de pato e carne de galinha. E isso que nós dizemos — estruturar o Partido. Quantas Cooperativas de Consumo são necessárias ao nível do Maputo, ao nível do País.

Que quantidade de algodão é necessária para fornecermos as fábricas: Textom, Textáfrica. São suficientes ou não essas fábricas?

Quantos machimbombos, ao nível da Província do Maputo, Beira, Nampula, Quelimane e outras capitais.

Para transportar os trabalhadores, para transportar a população, quantos machimbombos são necessários de Maputo para comunicar com o resto do País. Quantos carros são necessários. Queremos saber a quantidade de cadernos para os nossos alunos da Escola Primária, da Escola Secundária, e que outros livros são necessários. Quantos lápis, quantas canetas, que quantidade de tinta, que quantidade de lenha a população do Maputo gasta, donde vem a lenha que abastece a população. Vem donde? Quantas toneladas de carvão são necessárias para os vossos fogões, e donde vem o carvão. O que é que devemos fazer nos próximos 5 anos. A isso chamemos — estruturar o Partido.

Outro ponto. Através da estruturação do Partido as pessoas vão-se conhecer melhor. Agora vivem juntas e não se conhecem, vivem juntas e não têm as mesmas preocupações, vivem juntas e não discutem, vivem juntas e não se falam. Nós queremos estabelecer o diálogo, primeiro a nível do lar.

Estruturar o Partido significa organizar a nossa vida, significa programar, planificar a nossa vida. Significa orientar a nossa vida. Significa utilizarmos correctamente os nossos esforços, significa corrigir os erros que cometemos. Estruturar o Partido, em síntese, em resumo, significa dar tarefas a cada um. Cada moçambicano ter tarefa, como tivemos durante a guerra.

Cada moçambicano tinha a tarefa de matar o nosso inimigo, de lutar para se libertar. Hoje só estruturando o Partido é que liquidaremos a fome, liquidaremos a miséria, liquidaremos a ignorância, liquidaremos a doença, liquidaremos a superstição, liquidaremos a nudez. Isso é que significa estruturar o Partido. Eu penso que estruturar o Partido deve começar no lar, na nossa casa, sabermos que não é quando ferve a água que se manda a criança ir à cantina comprar o chá. É organizada essa pessoa? Quando está a cozinhar caril de amendoim, experimentou, «não tem sal», chama a criança para ir comprar o sal de «sareje» (cem reis), quando o caril já está quase pronto. Quando vai à cozinha quer pôr o arroz, descobre que o arroz não é suficiente precisamente no momento em que quer pôr o arroz na panela. Está organizada esta gente? É quando ferve a panela, quando ferve a chaleira, que se lembra de comprar o chá. Quando quer lavar a roupa é que descobre que não há sabão. Quando o caril está quase pronto, experimentou e sentiu que não tem sal, é que pensou que não tem sal, vai comprar. Ao nível da família, quando somos cinco temos que saber quantos quilos gastamos de arroz por mês. Quantos pacotes de chá. Quantas barras de sabão. Quantos quilos de açúcar. Quantos litros de óleo, quantos sacos de carvão, que quantidade de lenha. É aí onde começa a organização. Quando anoitece é que descobre que não há petróleo, manda a criança. Está organizado? É aqui que intervém a estruturação

do Partido: significa organização da vida do povo. Significa inventariar as necessidades do povo. Quais são as necessidades do nosso povo. Quem tratará desses problemas senão o próprio Povo que os vive? É isto que nós pensamos. É assim que daremos valor ao 3 de Fevereiro. Já não é somente Dia dos Heróis, é de muitos acontecimentos históricos, o 3 de Fevereiro. É isto que nós dizemos, saber transformar a dor em força nova, transformar a dor numa nova força. Transformar o recuo em avanço, em vitória.

Agora que nós descobrimos, agora que nós detectamos todas as nossas falhas, como avançar aqui para o futuro? Podemos resolver esses problemas todos sem a participação do Povo? Impossível. Podemos resolver esses problemas através de mistérios? Se pedirmos a Deus — ele dá isto tudo? Sejamos conscientes e responsáveis.

Agora muita gente vai querer infiltrar-se no Partido, como aconteceu durante a guerra. Ouviram? Muita gente agora vai pretender infiltrar-se. Durante a guerra, meus irmãos, havia muitas fontes, muitas vias, muitas direcções para se infiltrar na FRELIMO. Primeiro, infiltrar-se ao nível da Direcção da FRELIMO, para estarem na Direcção, para poderem actuar de dentro, para poderem abrir as portas, para poderem entrar os novos Pides. É preciso que estejam Pides ao nível da Direcção para abrir as portas para entrarem os novos Pides. Vão voltar a fazer isso ao nível do Partido. Vão querer infiltrar-se para abrir as portas, para admitir aqueles que têm as mãos manchadas de sangue, que andavam a matar. Nós também tínhamos os nossos agentes infiltrados no seio do inimigo durante a guerra, nós também tínhamos e eles tinham os seus. É preciso saber como vive o inimigo. Ele também. Ele também reconhece. Tem os seus agentes que continuam. Infelizmente nós não temos em Portugal. Mas eles têm, deixaram aqui muitos Pides, informadores, agentes, OPVs, GEs. São agentes deles. Hoje vão transmitir, ao sair daqui, vão transmitir para a Rodésia, a voz deles. Gostam de ouvir? Foi esta voz que vos libertou? Agora é a voz da Quizumba que vos diz que estão a sofrer! Onde estavam ontem? Porque é que fugiram? Quando chega a liberdade eles fogem. Que animal é esse que quando nasce o sol desaparece? É o javali, a Hiena também. Por isso vocês chamam-lhes Voz da Quizumba. Fugiram da luz. Têm medo da luz. Em Mocimboa do Castelo o sol que nunca desce. É o sol do meio-dia, está sempre lá. Por isso eles não podem, aqui. Têm medo do sol e lá há escuridão. No dia em que o Zimbabwe ficar independente, vão fugir também. Eles têm medo do sol, em toda a parte eles passarão sempre o tempo a fugir. Vão para a África do Sul, mas quando cair o «Apartheid», quando houver lá igualdade entre os homens, vão fugir de novo, vão fugir, passarão o tempo a fugir. É esta a voz da Quizumba.

O Diabo alguma vez disse a verdade? Salazar alguma vez disse a verdade? Marcelo Caetano alguma vez disse a verdade? O Jorge Jardim diz a verdade?

Sabem porque é que se aborrecem? Porque as casas agora são vossas. Nós nacionalizamos as casas para vocês. Eles dizem, a FRELIMO nacionalizou as nossas casas e deu aos PORCOS, nacionalizou os nossos hospitais e quer que fiquemos lá internados com os animais. Estão a compreender? Eles dizem, nacionalizaram as escolas que nos davam tanto dinheiro e

ensinavam pessoas. O que é que essas escolas ensinavam? «A grandeza da pátria que os protegia». «A grandeza da bandeira portuguesa». Eles fugiram, estão lá longe, e hoje alguns de vocês têm a tendência de dizer que eles dizem a verdade, que «eles têm muita razão, há muitas bichas». «Amendoim não há, não há milho, não há arroz, mas em tempos antigos apesar de a Pide estar a actuar, havia tudo isso». Alguns de vocês dizem isso. Já se esqueceram, já se esqueceram, ainda não passaram três anos. Vocês sabem quantos anos é que os portugueses estiveram aqui depois de capturado Gungunhana? Estiveram aqui oitenta e três anos. Quando capturaram Gungunhana em 1895, foi quando se consolidaram aqui. Nos oitenta e três anos que estiveram aqui que é que fizeram em vosso benefício? O que é que vos deram? A terra era vossa? Essa é a razão de eles se zangarem. Vocês não pagavam os terrenos? Não pagavam a renda de casa? Para onde é que eles levavam esse dinheiro todo? Agora quando eles fogem, porque vocês arrancaram-lhes a terra, as casas de rendimento, as escolas, os hospitais e agora os bancos, vocês dizem que eles têm razão, que dizem a verdade. Acreditam na fala do inimigo porque há bichas, dizem que as escolas não ensinam nada. Eles deixaram cá professores? Onde estão esses professores? Ensinavam a quem? Porque é que se foram embora? Eles ensinavam os seus filhos, e agora que os seus filhos não se encontram cá, a quem é que vão ensinar? «Estar aqui para ensinar a animais?» — é o que eles dizem.

Eles agora foram para a Rodésia abrir uma estação emissora, e vocês dizem que eles têm razão porque já não há azeite de oliveira. Precisamos de azeite para temperar saladas e já não há. Damos voltas e só arranjamos cansaço. Perde-se tempo em dar voltas e não se arranja nada. Volta-se para casa com o cesto vazio. Já não há sardinhas, as que vinham de Portugal.

Não nos deixavam viver com eles, mas tínhamos tudo. Havia arroz, ninguém media a quantidade que queríamos. Agora dizem, compra só cinco quilos.

As máquinas que fazem óleo e sabão já não funcionam. Quer-se arranjar a casa, não se sabe onde comprar cimento. Quando havia ladrão era só ir à esquadra chamar a polícia e esta estava pronta para prender, mas agora esta polícia não prende. Era melhor que dessem a esses exploradores géneros de primeiro necessidade, porque assim éramos explorados mas sempre teríamos as coisas. Podem ser membros do Partido os que falam desta maneira, usam as palavras do inimigo?

O leite, bastava ir ao Alto Maé lá o tinham, ou mesmo aqui no Diamantino havia tudo, havia bife, se quisesses beber era à tua vontade. Beber, ir para casa e cozinhar já com mais força.

**Khanimambo FRELIMO!**

Quantos anos iremos enfrentar esta vida? As capulanas agora estão a oitocentos escudos, os sapatos a mil escudos, onde está esse governo da FRELIMO? Os portugueses batiam, mas isto não era assim, tudo estava em condições. Tínhamos tudo ao nosso alcance. Querem que eles regressem para terem tudo ao vosso alcance?

Quando iam comprar açúcar éramos um pouco humilhados, mas depois tínhamos o açúcar. Não é isso? Não faziam isso?

Dá-me «bassela», caso contrário não saio daqui. Agora já não há «bassela». Davam um pouco de sabão para lavar fraldas dos nossos filhos, agora já não há disso.

Dá-me «bassela» patrão, ele punha-te um pouco de açúcar na boca, outro nas mãos. A boca chela de açúcar, as mãos também. Ai começava então a apalpar... é patrão... é patrão (é mulungo, é mulungo).

É o «bassela» que querem, não é? É isso que querem?

O Partido não aceita coisas dessas. A FRELIMO não aceita este tipo de vida, não pode. Nenhum membro do Partido é capaz de aceitar isto.

Quando queriam emprego mandavam as mulheres, as vossas mulheres iam pedir emprego em vosso nome, não é? É isso que vocês querem? Onde está o nosso valor, onde está a nossa personalidade, onde está o nosso sentido moral? Onde está o sentido moral, onde está o sentido de família?

Quando queriam fazer vale nas cantinas mandavam as vossas mulheres. Era isso ou não era? Porque se vais tu, ele não dá. Tem de ser ela a pedir dinheiro emprestado porque o rancho acabou antes de o mês findar. Ai mandava-se a mulher... O meu marido não recebeu. É isso que vocês querem? Não é só a nível do Maputo, esta situação está generalizada, resulta da grande alienação. Coisas más pareciam coisas boas. E para transformar as coisas más em boas coisas, é preciso tempo, é preciso paciência, é preciso compreensão de todos, é preciso engajamento, é preciso participação de todos. Resolvermos estes problemas numa reunião de cinco pessoas, numa reunião de dez pessoas. Discutir a nossa vida. Moral sã. O membro do Partido não pode ter este tipo de vida, não pode ter este tipo de vícios, não pode ter este tipo de defeitos. O membro do Partido deve estudar de forma profunda os problemas do Povo inteiro a partir da Célula, compreender os problemas da escola, compreender os problemas do abastecimento, compreender as causas das dificuldades, das insuficiências. Compreender as causas das faltas e a partir daí organizarmos a nossa inteligência, organizarmos a nossa energia, a nossa força, canalizarmos as nossas forças de forma correcta. Falar do problema do arroz, falar do problema do óleo, falar do problema do carvão, falar do problema do óleo, falar do problema da lenha.

Só participando nas reuniões. Não reuniões tão grandes como esta. Aqui não podemos estudar. É preciso uma reunião de poucas pessoas, uma reunião de cinco pessoas, de dez pessoas, de vinte pessoas, de trinta pessoas e toda a gente falar. Quando vamos à reunião termos opiniões, termos as nossas opiniões para emitir e termos as nossas opiniões para as soluções. Fazermos das soluções que resultam das nossas reuniões, nossas soluções. Não dizer «é da FRELIMO», não. São nossos problemas, são nossas dificuldades, portanto a sua solução depende do nosso esforço.

Estruturar é saber em cada mês quantas pessoas entram aqui em Maputo.

Estruturar o Partido é saber, conhecer como vive cada um em sua casa. Nada de individualismo, nada de divisão. Particularmente neste momento, o problema central é a Reconstrução Nacional. É isto que eu queria dizer e agradecer não somente a vocês que

estão aqui, mas a todos os Moçambicanos.

O ano de mil novecentos e setenta e sete foi um ano de grandes vitórias.

Essas vitórias foram possíveis porque vocês todos, do Rovuma ao Maputo, engajaram-se nas tarefas definidas pelo FRELIMO. Queria falar da população do Maputo. Toda a população da cidade de Maputo tem dado um grande exemplo na vigilância, na defesa, tem dado grande exemplo na detenção e denúncia dos agentes da FIDE, tem dado uma grande contribuição para a diminuição (que a nossa vontade não é diminuição, a nossa vontade é eliminação total) da criminalidade, do banditismo. Liquidarmos todos os bandidos ao nível do Maputo. Tem sido possível agora, por causa do Povo do Maputo, todo o Povo do Maputo. Aqueles que assaltam as casas e roubam têm diminuído muito, porque a população do Maputo tem participado nesse trabalho. Temos assistido, ao nível das fábricas, ao aumento da produção, disseram-me há poucos dias que as capulanas baixaram um pouco de preço, não sei se é verdade. É verdade? Ainda estão caras?

A população do Maputo, quando houve granizo, participou nas reparações voluntariamente, tem participado na limpeza da cidade. Por isso a nossa cidade está tão bela. E gostaríamos que a população da capital do País, prosseguisse nesse sentido de liquidar o banditismo, de liquidar o roubo, de liquidar a criminalidade, de liquidar os corruptos, de liquidar aqueles que assaltam as casas, e de liquidar também os atropelamentos, acidentes de carros que matam pessoas, destroem os bens do Estado, portanto os bens do Povo.

Gostariamos que a população do Maputo passasse a liquidar a indisciplina nas escolas, — o Povo deve participar para a liquidação total da indisciplina nas escolas. Os vossos filhos não passam porque são indisciplinados, faltam às aulas, não cumprem os deveres, e vocês estão a assistir passivamente. Nós definimos a escola como base para o Povo tomar o Poder, tomamos as escolas e consideramos as escolas como as bases para a criação do Homem Novo, para a criação da nova mentalidade. As escolas da República Popular de Moçambique devem ser o exemplo, o modelo de vida, no trabalho, na organização.

Queremos felicitar aquelas mulheres que são voluntárias nos hospitais, particularmente no Hospital Central de Maputo, que foram organizadas pela OMM para tomar conta das nossas crianças. Sabem que aqui ao nível do Maputo há muitos marginais, há muitos drogados, há muitas crianças abandonadas que não têm pais, não têm mães. Há muitas crianças nos hospitais, cujos cuidados deixam muito a desejar, mas estão lá algumas mulheres daqui do Maputo a trabalhar no Hospital Central para cuidar dos doentes e particularmente das crianças. Através de vocês todos queremos saudar essas mulheres que querem lá ficar a trabalhar, e não ganham, e não ganham. Isto devia

servir como exemplo para todo o nosso país, devia ser mesmo exemplo para todas as mulheres do Maputo, devia ser um orgulho e estímulo para toda a mulher moçambicana. Queremos agradecer à população de todo o país que denuncia os açambarcadores, que denuncia os especuladores. Assim podemos instalar o Partido em todo o nosso país. O que nós queremos é que o Partido viva. O Partido é um órgão vivo, é um órgão que come, alimenta-se, alimenta-se das nossas ideias, alimenta-se da nossa participação, alimenta-se da nossa determinação. É necessário que tenhamos a certeza, a certeza da vitória. As dificuldades que temos, há países que estão há vinte anos independentes e não têm este nível de vida. Não têm ainda hospitais nacionalizados, não têm a terra para o Povo, não têm escolas nacionalizadas, agências funerárias, não têm a justiça nacionalizada, não têm os prédios nacionalizados, não têm os bancos nacionalizados. Há países em África com vinte anos de independência, com quinze anos de independência nessa situação. Vocês deram um salto qualitativo. É necessário consolidar essas vossas vitórias. Para consolidar essas vitórias é necessário que estruturamos o Partido, é necessário que os membros do Partido sejam os melhores entre os melhores, constituam realmente a força organizada, a força de vanguarda. Nós consolidaremos as vitórias que conquistamos e ganharemos muito mais vitórias. Temos essa certeza, como tivemos sempre a certeza de que derrotaríamos em dez anos, quinze, vinte, vinte e cinco, trinta anos que poderia durar a guerra, nós tínhamos a certeza absoluta, levávamos sempre esta certeza, levávamos sempre esta convicção de que nós derrotaríamos o colonialismo português.

Isso foi possível porque cada um de nós conhecia o seu lugar dentro das estruturas. Por isso é necessário, agora que vamos estruturar o Partido, que cada um conheça o seu lugar dentro das estruturas, para conhecer a sua tarefa principal.

É isto que eu queria dizer e dizer obrigado população do Maputo, obrigado população do Hulene. Estou certo, estou convencido que o que hoje falamos aqui será material de debate nas futuras reuniões que se seguirão em breve.

Estou certo, estou convencido que nessas reuniões vocês contribuirão muito. Estou convencido que aquela energia que vos galvanizou quando foi do processo eleitoral, de novo brotará ainda mais.

É por isso que viemos ao Povo, para que o Povo seja seleccionador, para que o Povo seja o filtrador, para que tenhamos ao nível do nosso Partido os melhores militantes, os mais dedicados ao serviço do Povo, ao serviço da Revolução, pelo triunfo do socialismo na República Popular de Moçambique.

**E MUITO OBRIGADO**

**KHANIMAMBO FRELIMO.**

(De: "Notícias", Maputo, 1978-02-19)